EDUCAÇÃO FINANCEIRA PARA QUEM? UM LEVANTAMENTO ENTRE ALUNOS E PROFESSORES EM UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO EM MINAS GERAIS

Vitor Augusto Resende Faccion[1]

Mateus Tonioli Bernardo[2]

Prof. Co-autor Caio Rodrigues do Vale[3]

Prof. Me. Rafael Leite Nogueira[4]

Prof. Me. Marcilia Bruna dos Reis Teixeira[5]

RESUMO

O tema educação financeira é de grande importância para a sociedade em geral, especialmente em um contexto de pandemia, alta dos juros e desemprego. Através de um planejamento financeiro composto por um orçamento bem definido, uma reserva de emergência consolidada e investimentos consistentes, podem levar o indivíduo rumo à independência financeira. Estes comportamentos, em outra análise, levam à diminuição do consumismo excessivo, do endividamento e da inadimplência. O presente trabalho tem por objetivo levantar o perfil financeiro de alunos e professores dos cursos de Administração e Ciências Contábeis em uma Instituição de Ensino Superior privada do interior mineiro. Como estratégia metodológica, o trabalho apresenta um perfil descritivo valendo-se de uma abordagem quantitativa e da estratégia de estudo de caso. Os resultados apontam que o nível de educação financeira dos professores e alunos é elevado, pois os mesmos possuem contato com cursos ou matérias de finanças, bom planejamento financeiro e adequada aplicabilidade de seus recursos.

Palavras-chave: Educação financeira. Perfil financeiro de alunos e professores. Consumismo.

[1] Graduando do curso de Administração do Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves – UNIPTAN – vitorfaccion@hotmail.com

[2] Graduando do curso de Ciências Contábeis do Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves – UNIPTAN – mateustonioli@hotmail.com

[3] Professor dos cursos de Administração e Ciências Contábeis do Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves – UNIPTAN – caio.vale@uniptan.edu.br

[4] Professor dos cursos de Administração e Ciências Contábeis do Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves – UNIPTAN – rafael.nogueira@uniptan.edu.br

[5] Professora dos cursos de Administração e Ciências Contábeis do Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves – UNIPTAN – marcilia.teixeira@uniptan.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Ter educação financeira é, tecnicamente, saber como lidar com o dinheiro, conseguir controlar o próprio recurso financeiro e contribuir para a construção de uma mentalidade mais equilibrada relacionado ao consumo. Além disso, associada a um plano com metas claras de investimento, poder auxiliar o cidadão a planejar viagens, comprar imóveis, veículos, bem como outros objetivos que podem ser pré-estabelecidos.

A cultura da população brasileira é consumista, principalmente pelo histórico de alta inflação anterior à criação do real em 1994. A partir disso, o consumismo foi incentivado através da facilidade de crédito, financiamento e parcelamento ao adquirir produtos e serviços, culminando no endividamento excessivo de grande parte dos consumidores.

O hábito consumista é passado de geração em geração através do modo de pensar e agir dos pais gerando influência negativa nas tomadas de decisões de seus filhos, tornando a educação financeira um tema atipicamente tratado no Brasil, por não ser abordado na infância, escolas e no dia a dia.

Um ponto a ser considerado é a qualidade na tomada de decisão, ou seja, a influência nas escolhas ao comprar um produto ou serviço, podendo beneficiar ou prejudicar o futuro financeiro do indivíduo. Duas ferramentas que melhoram este fator e auxiliam o planejamento financeiro é o orçamento e reserva de emergência. Estas permitem melhor visualização de entrada e saída dos recursos e segurança em caso de imprevistos. Através destas e de estudos, é possível realizar bons investimentos possibilitando a melhoria da qualidade de vida e proporcionar a independência financeira.

Diante do exposto, podemos compreender como determinada fração da população lida com o dinheiro, identificar as causas do consumo excessivo e propor soluções viáveis a fim de que possuam uma vida mais equilibrada. Por isso, esse estudo busca responder a seguinte pergunta: Como se revela o perfil financeiro de docentes e discentes dos cursos de Administração e Ciências Contábeis em uma Instituição de Ensino Superior do interior mineiro?

Assim, o estudo tem como objetivo geral descrever e analisar um perfil financeiro comparativo entre docentes e discentes do ensino superior em Administração e Ciências Contábeis. Mais especificamente, pretende-se: levantar bibliografia sobre educação financeira e sua contribuição para a sociedade em geral; identificar um perfil esperado para o comportamento em educação financeira do indivíduo; perceber comportamentos financeiros em docentes e discentes em uma Instituição de Ensino Superior; discutir comparativamente o

perfil levantado entre alunos e professores dos cursos de Administração e Ciências Contábeis.

Diante disso, identifica-se que a educação financeira é fundamental para todos, pois proporciona uma vida equilibrada e saudável, lidando melhor com as adversidades e alcançando os objetivos. Sendo de grande importância para aumentar a produtividade e permitindo os docentes e discentes crescerem profissionalmente e intelectualmente.

A metodologia utilizada foi quantitativa com aplicação de questionário pelo *Google Forms*, em uma amostra não probabilística.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Educação Financeira

A educação financeira é um termo utilizado para demonstrar a prática que as pessoas possuem em lidar com o dinheiro no dia a dia, ou seja, aprender a controlar a entrada e saída de recursos da maneira mais eficaz possível, viabilizando assim, atingir os objetivos e alcançando uma vida mais equilibrada.

Segundo Criddle (2006), a educação financeira é necessária para entender as metas e objetivos financeiros traçados, e para isso não basta apenas olhar contas bancárias ou criar uma poupança, mas sim, ter segurança e conhecimento sobre o próprio valor e condição a partir de estudos financeiros.

Nesse sentido, Huston (2009) cita que uma boa aplicação dos conhecimentos monetários eleva sua capacidade de decisões financeiras, tornando-as mais assertivas, para a obtenção do bem-estar individual. Ela ainda afirma que, não basta ter um bom conhecimento monetário, é preciso saber tomar as decisões corretas de forma adequada.

Huston (2009) também destaca que existem infinitas formas de definir a educação financeira. A partir disso, a educação financeira pode ser entendida através do conhecimento de cada indivíduo em colocar em prática o que foi compreendido com relação às finanças pessoais.

Na visão de Filho (2003), para um indivíduo ser educado financeiramente, ele necessita alcançar seus objetivos sem se preocupar com a frase “vou conseguir pagar?”. Para conseguir pensar dessa forma, ele deve ter um absoluto controle financeiro, tendo o planejamento adequado e, além disso, saber identificar e aproveitar as oportunidades que lhe aparecem. Conseguindo assim, viver de forma mais prazerosa e equilibrada.

Com a mesma analogia, Cerbasi (2004, p. 69) também afirma que, "é rico quem tem uma vida feliz, saúde para vivê-la e também uma renda garantida para manter essa felicidade

conquistada ao longo da existência"

2.2 Consumismo

Ferreira (2014) afirma que o consumismo é um fato de destaque da atual realidade da sociedade, devido à ocorrência de influências industriais colaborarem com a necessidade de sempre adquirir mais bens e produtos para provar seu valor à sociedade. Gerando uma falsa impressão de realização de vida, e comprometendo assim seu próprio futuro financeiro.

Diante disso, Messias (2015) reitera que a grande parte da população não possui um planejamento financeiro adequado, ou seja, compram por impulso, e não agem com condescendência, mas sim com o que veem e sentem. O consumo em excesso, a busca por satisfação temporária e a necessidade de provar o seu valor a sociedade, junto com a facilidade de crédito geram insatisfação futura e o endividamento excessivo.

2.2.1 Facilidade de crédito e endividamento

A facilidade de crédito está sempre atrelada à altas taxas de juros que, muitas vezes, o consumidor não identifica. A partir disso, percebe-se uma beneficiação das instituições financeiras que, a todo o momento, exploram da falta de conhecimento sobre educação financeira da população (FERREIRA, 2014).

Segundo Nichter (2002, p.7), com a análise feita pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), podemos exemplificar fatores que influenciam negativamente esse ciclo-vicioso de endividamento, como, “cartões de crédito, cartões de lojas varejistas, crédito junto a fornecedores, dentre outros não diretamente relacionados ao sistema financeiro formal”.

Além disso, Beal e Delpachitra (2003) destacam que, incitam a baixa educação financeira algumas atitudes como: usar excessivamente o cartão de crédito causando a perda do controle da fatura, firmando empréstimos pessoais em demasia, ocasionando um acúmulo de dívidas no longo prazo, e muitas das vezes não fazendo uma análise correta das taxas de juros cumulativas.

Através dessa linha de pensamento, Roberts e Jones (2001) afirmam que o cartão de crédito simplifica as negociações e compras em curto prazo, tirando a necessidade de dinheiro em mãos. Feinberg (1986, apud ROBERT e JONES, 2001), certificou que estudantes que possuem o cartão de crédito, são propensos a gastar um valor maior e com mais frequência do que um estudante sem acesso ao cartão. O autor definiu que o cartão de crédito é mais

associado ao ato de gerar dívidas. Como foi visto por Veludo de Oliveira, Ikeda e Santos (2004), com a popularização da disponibilidade do cartão de crédito, percebeu-se um aumento casado com o número de inadimplentes, afetando todas as partes da população. E assim, mudando e facilitando a forma da sociedade comprar produtos e serviços e por consequência disso, gerando dívidas.

Dessa forma, segundo Roberts e Jones (2001), a utilização do cartão de crédito influencia a ter gastos maiores por sua facilidade, e gera uma ilusão que o crédito é algo inexistente. Já com o dinheiro físico, tem-se uma percepção maior sobre a dívida gerada.

Campbell (2006) expôs que, pessoas com conhecimento financeiro inferior à média, não costumam refinanciar empréstimos ou dívidas em épocas de juros baixos, o que seria muito benéfico para a saúde financeira. Lusardi e Mitchell (2007) reconhecem que, uma pessoa com uma educação adequada, possui melhor resposta a situações financeiras no cotidiano.

Segundo Serasa Experian (2018), existem dois cenários brasileiros, um dos consumidores desorganizados e outro dos inadimplentes. No primeiro cenário temos pessoas que não calculam adequadamente taxas de juros e outros valores agregados em empréstimos e financiamentos. Já no segundo caso, eles aliam o aumento do prazo à diminuição da taxa de juros, sendo o grande responsável pelo consumo de crédito consignado.

Como afirma Ferreira (2014), a facilidade de crédito tem aumentado o número de inadimplentes e, consequentemente, aumentou o limite de endividamento brasileiro. Segundo o autor, é possível perceber que a redução das taxas de juros não foi um fator primordial na diminuição da inadimplência da população.

Portanto, é muito importante focar sempre em aprender cada vez mais sobre educação financeira, buscando conquistar objetivos e metas traçadas. Com isso, é necessário ter práticas que beneficiem a obtenção do equilíbrio financeiro, evitando taxas de juros abusivas, compras por impulso, ou simplesmente a busca por um *status* fora do poder aquisitivo atual. E, assim, evitando o endividamento excessivo e a inadimplência.

2.3 Planejamento financeiro

O planejamento financeiro pessoal se resume em compreender o que realmente é necessário e o que pode ser deixado para depois. Não buscar sempre economizar, mas sim saber dosar os gastos com os objetivos de longo prazo. Como afirma Cerbasi (2005), algumas pessoas pensam que conseguirão ficar ricas em pouco tempo, porém é um grande engano. Muitos não percebem que deixam de viver o momento com a família e amigos para

economizar cada vez mais e enriquecer a tão sonhada aposentadoria, mas esquecem também de aproveitar o atual momento da vida.

O planejamento financeiro está começando a se tornar mais presente na família brasileira. Com a divulgação deste tema pelas mídias televisivas e digitais a população vem mudando a forma de utilizar o dinheiro. As pessoas estão preocupadas com os gastos e buscando mais qualidade de vida, cada vez mais querendo se aperfeiçoar e controlar suas despesas (CERBASI, 2005).

Em concordância, Ross, Westerfiel e Jaffe (1995) discorrem que o planejamento financeiro é uma grande ferramenta que permite a criação de espaços para sustentar, estabelecer e tornar possível o cumprimento das estratégias e metas familiares. Os autores também afirmam que é importante revisar e melhorar o planejamento assim que for necessário, possibilitando aumentar os aportes e buscar uma rentabilidade maior dos investimentos.

Seguindo esta linha de pensamento, Gitman e Madura (2003) citam que um planejamento ideal deve conter planos de curto e longo prazo, visando o aumento de patrimônio e o cumprimento dos objetivos. De forma geral, planos de curto prazo englobam um período de um a dois anos, já os planos de longo prazo vislumbram um período de dois até dez anos.

Em suma, Cherobim e Espejo (2010) indicam que o planejamento financeiro é utilizado através do recurso disponível para atingir as metas traçadas. A identificação do orçamento, ou seja, da realidade financeira individual e familiar, permite elaborar um planejamento adequado às necessidades e possíveis imprevistos que podem ocorrer. Ao contrário disso, a não utilização do planejamento financeiro leva ao descontrole financeiro podendo ocasionar o endividamento. Além de impossibilitar o acúmulo de patrimônio para alcançar os objetivos e conseguir uma aposentadoria sólida (LIZOTE, SIMAS, LANA, 2012).

Em conclusão, é necessário sempre ter um planejamento financeiro claro e objetivo, com planos e metas de curto e longo prazo definidas, procurando sempre aperfeiçoá-los e adaptá-los de acordo com a capacidade financeira atual. Nunca se esquecendo de aproveitar o momento de forma consciente e que não comprometa todo o planejamento traçado.

2.3.1 Orçamento

O orçamento é uma ferramenta de planejamento financeiro que contribui para a realização de sonhos e objetivos. Sendo muito importante para qualquer pessoa, independente da sua renda ou situação financeira. Ele ajuda a identificar entradas e saídas de recursos,

permitindo assim, um controle mais adequado das finanças pessoais.

Segundo Luquet e Assef (2006), o orçamento é uma planilha que engloba as receitas e despesas mensais de cada indivíduo, tornando mais fácil a visualização sobre o dinheiro disponível ou gasto. Existem diversas formas de anotar um orçamento, seja através de planilhas digitais, aplicativos, ou simplesmente ter em mãos um caderno e caneta. Os autores ainda afirmam que é um controle fácil e de uso básico, porém muito importante por possuir diversas informações relevantes sobre a situação financeira do indivíduo.

Macedo Júnior (2010, p. 36) afirma que "quando as pessoas começam a anotar os gastos, já costumam reduzi-los em cerca de 12%. Isso acontece porque o ato de anotar faz você pensar duas vezes antes de gastar". Corroborando, Halles, Sokolowski e Hilgemberg (2007) destacam que, anotar todos os gastos e despesas por mais que possam ser insignificantes em uma planilha, é considerado orçamento pessoal. Permitindo assim uma visão geral do fluxo de caixa do próprio.

Seguindo a mesma linha de pensamento, Teixeira (2005, p.15) cita que, "querer poupar ou conseguir algum recurso para investir, se torna mais fácil ao ter o orçamento bem feito e especificado". Permitindo também cortar gastos supérfluos e fugir do endividamento.

Cherobim e Espejo (2010) reiteram que o orçamento pessoal é de grande importância para obter uma vida equilibrada financeiramente, assim como a disciplina para se manter fiel as metas e planos. Como afirma Santos (2011), o orçamento pessoal deve ser elaborado pensando no ano todo, estimando o que será ganho e a saída de recursos. Podendo analisar as despesas percebendo se existe algum gasto que possa ser reduzido ou cortado, melhorando a forma de poupar recursos e consequentemente os investimentos.

Neste contexto, Morais (2013) afirma que para fazer um orçamento é necessário anotar todas as receitas e despesas em grupos, como despesas fixas, despesas variáveis, despesas supérfluas e despesas sazonais. Identificando assim o déficit ou o lucro em relação a suas receitas subtraídas pelas despesas e permitindo realizar melhorias no orçamento em busca de um saldo positivo.

Já para Cerbasi (2005), é necessário tornar os investimentos como a primeira saída de dinheiro, dando prioridade aos objetivos e metas, com foco maior aos investimentos voltados para a independência financeira.

Segundo Morais (2013), as decisões da mente consumista, tomadas diariamente, influenciam de forma negativa o orçamento, sendo necessário avaliar adequadamente antes de adquirir qualquer bem ou serviço gerando uma consequência financeira positiva.

Portanto, podemos perceber a importância do orçamento que vai além de anotar

receitas e despesas, mas auxilia na redução dos gastos e colabora no ato de poupar recursos financeiros, que consequentemente pode beneficiar a realização de uma reserva de emergência e futuros investimentos.

2.3.2 Reserva de emergência

A reserva de emergência é uma forma de se proteger contra imprevistos que podem ocorrer na vida do indivíduo. A reserva serve para suprir a necessidade de dinheiro, como por exemplo, em casos de problema de saúde, acidentes ou demissão. Frankenberg (1999), cita que a reserva de emergência é uma solução para imprevistos que necessitem de recursos financeiros em curto prazo, evitando assim, empréstimos com taxas elevadas que geram o endividamento. “A reserva de emergência é a formação de uma poupança a partir da decisão de não gastar tudo o que se ganha” (FRANKENBERG, 1999, p.177).

De acordo com Anbima (2020), em encontro com o cenário da covid-19, instalou-se uma crise de saúde e financeira mundial, aumentando a importância do planejamento familiar e principalmente de se obter uma reserva de emergência. A reserva pode minimizar os estragos causados pela crise mundial e ajudar o indivíduo e a sociedade como um todo a se reerguer.

Tommasi e Lima (2007) afirmam que obter uma reserva de emergência é garantir uma pequena parcela da renda para gastos imprevisíveis e inesperados, ela deve conter de três a seis meses do valor mensal das despesas do indivíduo ou família. Sem que necessite recorrer a financiamentos ou empréstimos bancários.

Neste contexto, Souza (2020) cita que para se precaver dos riscos financeiros, é necessário ter uma reserva financeira para evitar imprevistos que necessitem de uma saída de recursos. Essa reserva pode ser feita em forma de poupança, ou seja, juntar um valor mensalmente e reservá-lo em um local seguro, antecipando-se de uma necessidade não prevista.

Nessa mesma linha de pensamento, De Sousa e Júnior (2021) afirmam que, antes de realizar um investimento, é importante que o indivíduo ou família possua uma reserva de emergência. É primordial que ela seja feita em uma instituição financeira que pague o retorno do investimento diariamente, conhecido como “liquidez diária”. Recomenda-se também que essa reserva consiga cobrir as despesas previstas no orçamento por um prazo de ao menos 6 meses, principalmente para quem investe em renda variável, onde se torna importante possuir uma reserva que tranquilize diante dos possíveis prejuízos que possam ocorrer.

Diante do que foi dito, percebe-se que a reserva de emergência é de suma importância

na vida de qualquer indivíduo, pois transmite segurança e tranquilidade em caso de imprevistos para obter uma vida financeira mais equilibrada. Permitindo assim a realização de investimentos sabendo que possui segurança adequada para buscar a independência financeira.

2.4 Perfil de investidor

Para realizar bons investimentos, é importante saber o perfil investidor do indivíduo, o qual permite perceber os possíveis riscos aceitáveis, bem como identificar o melhor caminho para seguir no rumo da independência financeira.

Segundo Santos (2014), os alunos que pretendem se tornar administradores e empreendedores, e que estudam sobre educação financeira, tendem a ter uma assertividade maior no controle de seus recursos e investimentos.

Conforme afirma o Banco do Brasil (2018), é importante o investidor identificar seu perfil de investimentos para melhor aplicar seus recursos e atingir os objetivos de rentabilidade desejados. Bem como, definir uma estratégia para seu perfil traçado, tendo como base três perfis de investidor, perfil conservador, moderado e agressivo.

2.4.1 Perfil conservador

Rambo (2014) afirma que o perfil conservador é indicado para quem busca a segurança nos investimentos, não pretende correr riscos e seu maior foco é assegurar o capital. Concordando com isso, a Caixa Econômica Federal (2014) cita que quem possui o perfil conservador se sente seguro sabendo que vai ter os recursos garantidos todos os meses, mesmo com as turbulências do mercado financeiro. O Banco do Brasil (2014) recomenda investir em poupança, fundos de renda fixa ou outros investimentos de risco baixo para pessoas com esse perfil conservador, mas isso não significa que o indivíduo não possa investir uma pequena parcela de seu patrimônio em ativos de risco mais elevados.

2.4.2 Perfil moderado

De acordo com Caixa Econômica Federal (2014), o perfil moderado também possui foco na segurança dos ativos, porém permite arriscar um pouco mais o capital em ativos que geram retorno melhores a médio e longo prazo. Ela indica que este perfil invista os recursos em aplicações de baixo risco e médio risco, como a poupança, Certificados de Depósito Bancário (CDB), Letra de Crédito Imobiliário (LCI), fundos de investimentos e renda

variável.

2.4.3 Perfil agressivo

Rambo (2014) cita que investidores de perfil agressivo tendem a correr riscos maiores, porém, calculados e que gerem ganhos mais expressivos. Concordando com isso a Caixa Econômica Federal (2014), afirma que investidores agressivos tem um conhecimento elevado sobre o mercado e os tipos de investimentos que visam o médio e longo prazo. Mas segundo a corretora XP Investimentos (2014), os investidores agressivos possuem consciência que não estão com o capital assegurado, podendo perder parte ou total do patrimônio investido diante das oscilações do mercado.

Diante disso, percebe-se que identificar o perfil de investidor é essencial para identificar quais investimentos são adequados para atingir seus objetivos e metas. Permitindo assim aplicar melhor o dinheiro e entender os riscos que está disposto a correr.

2.4.4 Renda fixa

De acordo com Polidorio (2018), a renda fixa é uma aplicação onde se empresa dinheiro para o governo, instituições financeiras ou empresas privadas, recebendo juros por esse empréstimo. Os juros são combinados no instante da aplicação dos recursos e pagos em uma data pré-estabelecida.

Segundo Lima, Galardi, Neubauer (2006), a renda fixa possibilita uma segurança maior nos investimentos, pois o investidor e o tomador, sabem com antecedência o rendimento da aplicação.

Seguindo essa linha de pensamento, Sebben (2017) conclui que, a renda fixa traz também uma maior segurança pois possui a garantia do Fundo Garantidor de Crédito (FGC) que cobre o valor de R$ 250.000,00 (duzentos e cinquenta mil reais). Segundo ele, os maiores investidores da renda fixa são de classe baixa, devido a não necessidade de um conhecimento amplo e por ela permitir uma aplicação de valores mais irrisórios. Porém essa comodidade traz um rendimento inferior ao de renda variável.

2.4.5 Renda variável

Segundo Polidorio (2018), a renda variável é uma modalidade de investimento, onde não existem juros pré-estabelecidos e nem garantias de rentabilidade positivas. O dinheiro tende a oscilar de acordo com as variações do mercado, e isso gera um risco maior do que

investimentos de renda fixa, mas geralmente com uma rentabilidade superior.

Sebben (2017) afirma que a renda variável possui uma variação maior de ganho ou de perda, quando comparado à renda fixa. Não é possível calcular com antecedência a rentabilidade final do investimento, pois existe uma maior especulação de resultados e de liquidez.

Assim, é necessário um conhecimento mais profundo para investir em renda variável, sendo importante entender os indicadores, o mercado e as notícias macroeconômicas fundamentais para diminuir o risco de prejuízos no investimento.

3. METODOLOGIA

A pesquisa realizada caracteriza-se como descritiva, sendo aplicado questionário aos professores e alunos dos cursos de Administração e Ciências Contábeis. Estes foram selecionados por sua maior proximidade com o tema de educação financeira. Buscou-se traçar um perfil financeiro comparativo entre docentes e discentes do ensino superior, analisando os níveis de consumo, investimento e sua maneira de lidar com o dinheiro.

De acordo com (GIL, et al. 2002) o objetivo das pesquisas descritivas, é entender os atributos característicos de determinada amostragem da população, e consequentemente compará-los entre si. A pesquisa busca compreender as semelhanças existentes na amostra, como exemplo: renda, idade, sexo, profissão e escolaridade.

> Quanto ao método, essa pesquisa configura-se como um estudo de caso. O estudo de caso é uma modalidade de pesquisa amplamente utilizada nas ciências biomédicas e sociais. Consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento, tarefa praticamente impossível mediante outros delineamentos já considerados, (GIL, 2002, p. 13).

Para a revisão dos dados, essa pesquisa utilizou a abordagem de análise quantitativa. Ela emprega a quantificação por meio de ferramentas estatísticas, analisando um grande número de casos representativos, quantifica os dados e generaliza o resultado da amostra para os interessados. Esta deve ser bem definida, caso contrário, podem surgir problemas ao se utilizar a solução para o todo (DE OLIVEIRA, 2011).

Os dados foram coletados por meio de um questionário, que é uma forma de se obter respostas às questões que o próprio informante preenche, pode ser constituído de perguntas abertas ou fechadas, sendo que as abertas possibilitam respostas mais ricas e variadas, já as fechadas, maior facilidade na análise de dados (DE OLIVEIRA, 2011). A aplicação ocorreu de forma online, por meio da plataforma *Google Forms*, que pode ser utilizada para facilitar o processo de pesquisa dos acadêmicos, bem como servir de ferramenta para avaliação (MOTA, 2019).

Sendo o questionário, formulado com 01 pergunta aberta e 17 perguntas fechadas. O mesmo foi aplicado em setembro de 2021, para professores e alunos dos cursos de Administração e Ciências Contábeis, em uma Instituição de Ensino Superior privada.

A análise de dados foi realizada através das respostas contidas no *Google Forms*, e exportadas para uma planilha no *Excel*. A partir disso, a montagem dos gráficos foi realizada, permitindo assim, uma melhor visualização dos resultados.

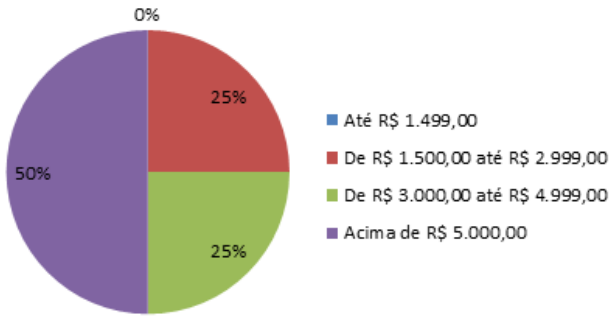
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Discorre-se adiante a descrição dos resultados apurados a partir do questionário aplicado aos docentes e discentes dos cursos de Administração e Ciências Contábeis de uma Instituição de Ensino Superior privada do interior mineiro. Os dados são referentes a uma amostra de 35 respondentes, sendo 11,43% deles composto por professores ante a 88,57% de alunos dos cursos acima referidos.

Entre os professores, 50% são do sexo masculino, enquanto, do grupo de alunos respondentes, 48,39% enquadram-se no mesmo gênero. Os respondentes que se enquadram como pertencentes ao sexo feminino correspondem a 51,43% da amostra total coletada, sendo que destes 11,11% docentes e 88,89% discentes. Denota-se com esses dados a prevalência do gênero feminino na amostra coletada para a discussão nesse trabalho.

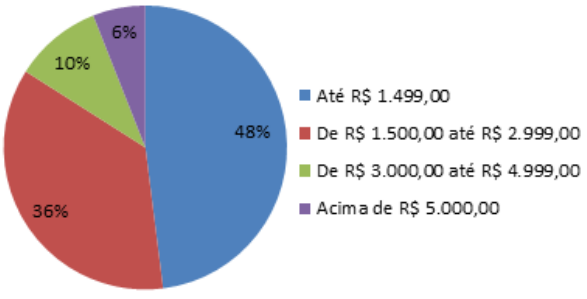
A busca pela descrição e análise do perfil financeiro inicia-se por um levantamento acerca da renda dos entrevistados. Esses dados podem ser observados nos Gráficos 01 e 02, apresentados abaixo:

Gráfico 01: Renda dos Docentes



Fonte: Elaborado pelos Autores (2021)

Gráfico 02: Renda dos Discentes



Fonte: Elaborado pelos Autores (2021)

Podemos observar que quase metade dos alunos respondentes recebem até R$1.499,00. Nessa faixa salarial, encontram-se apenas 25% dos professores respondentes. Do grupo de alunos respondentes, apenas 6% declaram ter renda superior a 5 mil reais, enquanto, nessa faixa salarial, encontram-se metade dos professores respondentes nesse estudo.

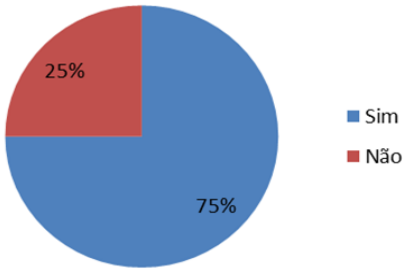
Não se pretende evoluir, nesse estudo, o nível de renda entre os dois distintos grupos,

tampouco justificar essas diferenças, no entanto, conhecer o público respondente irá subsidiar as demais discussões propostas enquanto objetivo deste estudo, e que se propõe a descrever e analisar o perfil financeiro dos respondentes, aqui circunscritos à alunos e professores dos cursos de Administração e Ciências Contábeis em uma Instituição de Ensino Superior Privada do interior mineiro.

Conforme visto em Criddle (2006), Huston (2009), Filho (2003) e Cerbassi (2004), a educação financeira não está diretamente ligada ao volume de recursos financeiros que se consegue obter ao final de um período, mas à prática aplicada de bons conhecimentos monetários na gestão desses recursos.

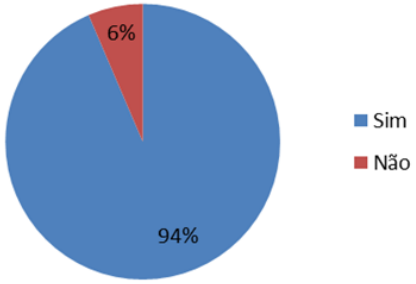
Destarte, o início dessa discussão busca perceber entre os grupos respondentes, quer sejam alunos e professores, se o público-alvo deste estudo administra os recursos financeiros do qual dispõe para o atingimento dos seus objetivos, quer sejam eles pessoais ou familiares. Os dados coletados nos permitiram levantar os Gráficos 03 e 04, conforme abaixo:

Gráfico 03: Docentes administrando suas finanças.



Fonte: Elaborado pelos Autores (2021)

Gráfico 04: Discentes administrando suas finanças.



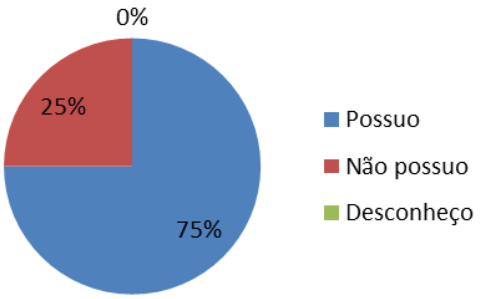
Fonte: Elaborado pelos Autores (2021)

Para identificarmos o nível de conhecimento de alunos e professores de uma Instituição de Ensino Superior privada do interior mineiro, de acordo com os dados levantados sobre a questão “Você já fez alguma matéria ou curso de finanças pessoais?”, permitiu observar-se que a grande maioria dos professores já concluiu alguma matéria ou curso de finanças pessoais. Em relação aos alunos, 45% nunca fizeram curso ou matéria de finanças pessoais e 55% responderam que já fizeram.

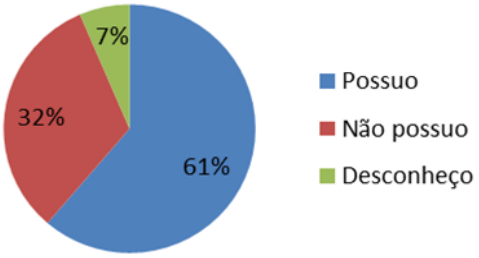
Analisamos que grande parte dos respondentes já fez curso de finanças pessoais e também administram suas finanças. Diante disso, chegamos ao questionamento sobre possuir reserva de emergência, conforme apresentado nos Gráficos 05 e 06. Como afirma Frankenberg (1999), a reserva de emergência é uma solução para imprevistos que necessitem de recursos financeiros em curto prazo, evitando assim, empréstimos com taxas elevadas que geram o endividamento.

Gráfico 05: Se o docente possui reserva de emergência.

Gráfico 06: Se o discente possui reserva de emergência.



Fonte: Elaborado pelos Autores (2021)



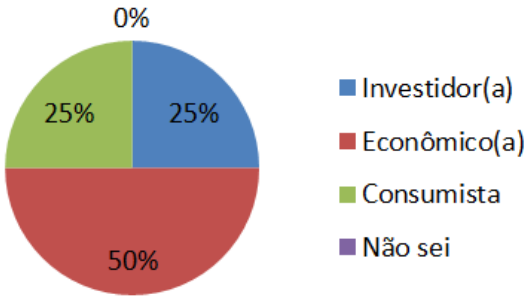
Fonte: Elaborado pelos Autores (2021)

A análise dos gráficos acima nos permitiu identificar que 7% dos alunos desconhecem sobre a reserva de emergência. Em contrapartida, todos os professores têm algum conhecimento sobre o tema.

Para identificarmos a preocupação do futuro financeiro dos respondentes, aplicamos as seguintes questões: “Você se preocupa com seu futuro financeiro?” e “Se você se preocupa com seu futuro financeiro, possui objetivos e metas claras?” Todos os alunos e professores responderam que se preocupam com seu futuro financeiro, mas 25% dos professores e 26% dos alunos responderam que não possuem metas e objetivos claros.

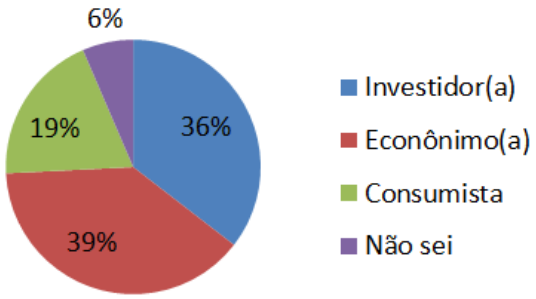
Nos Gráficos 07 e 08 os próprios respondentes informaram seu perfil financeiro, sendo disponibilizadas quatro opções de respostas, conforme a legenda disponibilizada. Segundo os professores, todos eles possuem conhecimento do próprio perfil, sendo sua maioria, perfil econômico. Já segundo os alunos, uma pequena porcentagem não possui conhecimento sobre seu perfil financeiro, e houve um aumento de perfis investidores comparado aos de professores.

Gráfico 07: Perfil financeiro do docente



Fonte: Elaborado pelos Autores (2021)

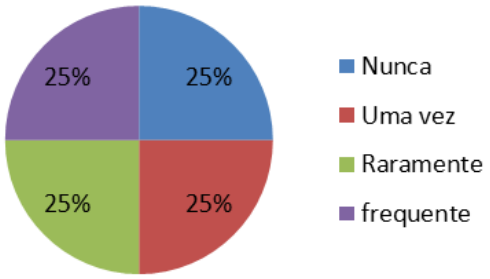
Gráfico 08: Perfil financeiro do discente



Fonte: Elaborado pelos Autores (2021)

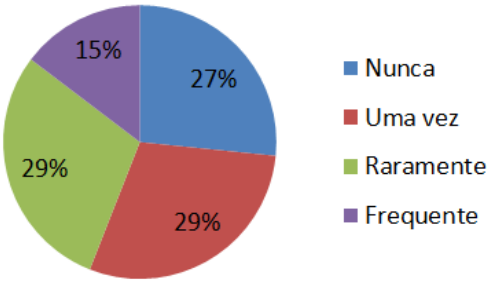
Para Messias (2015), o consumo em excesso, a busca por satisfação temporária e a necessidade de provar o seu valor a sociedade, junto com a facilidade de crédito geram insatisfação futura e o endividamento excessivo. Neste contexto, a pesquisa buscou perceber o nível de consumismo dos respondentes, quer sejam alunos ou professores, identificando se já terminaram algum mês no vermelho, conforme apresentado nos Gráficos 09 e 10:

Gráfico 09: Docente já terminou o mês no vermelho



Fonte: Elaborado pelos Autores (2021)

Gráfico 10:Discente já terminou o mês no vermelho

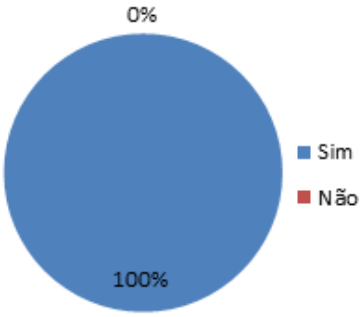


Fonte: Elaborado pelos Autores (2021)

A análise dos gráficos acima permitiu constatar o nível de controle financeiro mensal que está diretamente ligado ao consumismo. A partir dos resultados obtidos, foi possível detectar que os alunos afirmam possuir um controle financeiro mensal, levemente superior aos professores.

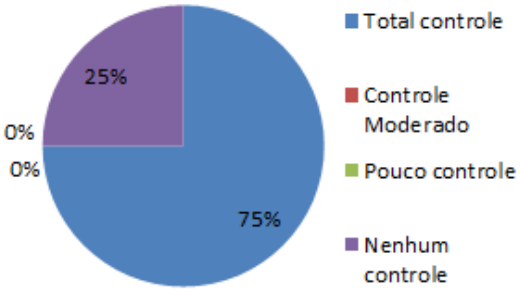
Ainda no contexto de análise do consumismo, temos os resultados apresentados pelos Gráficos 11 e 12, que se referem aos docentes:

Gráfico 11: Se o docente possui cartão de crédito



Fonte: Elaborado pelos Autores (2021)

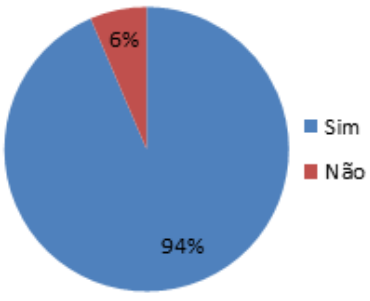
Gráfico 12: Controla os gastos do cartão



Fonte: Elaborado pelos Autores (2021)

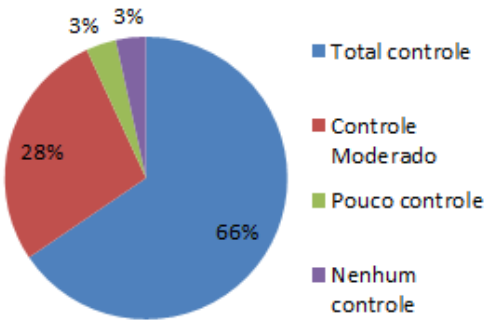
E os Gráficos 13 e 14, que se referem aos discentes:

Gráfico 13: Se o discente possui cartão de crédito



Fonte: Elaborado pelos Autores (2021)

Gráfico 14: Controla os gastos do cartão



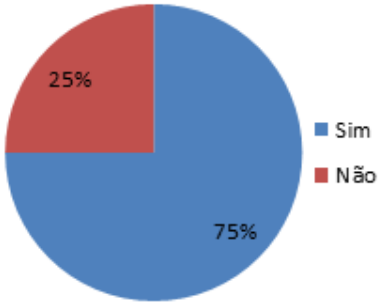
Fonte: Elaborado pelos Autores (2021)

Analisando estes gráficos, atentamos que todos os professores possuem cartão de crédito e, em sua maioria, afirmam controlar totalmente seus gastos. Em contrapartida,

percebe-se que uma pequena porcentagem dos alunos ainda não possui cartão de crédito e 66% dos que possuem o cartão de crédito afirmam controlar totalmente seus gastos. Observamos também que nas respostas dos discentes houve uma diminuição da porcentagem dos que dizem possuir total controle dos gastos, em comparação aos professores.

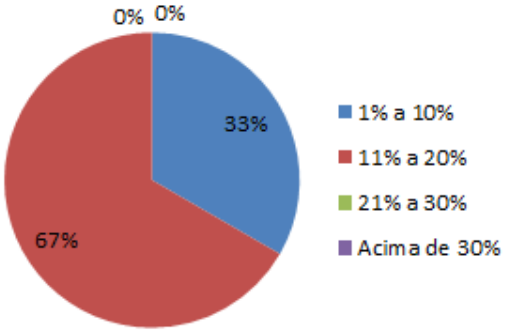
Na última sessão do questionário, que se trata conceitualmente sobre investimentos e da porcentagem de renda investida, pudemos traçar a porcentagem e a forma que os professores e alunos investem seus recursos. Os Gráficos 15 e 16 apresentam informações sobre o investimento dos docentes:

Gráfico 15: Se o Docente investe



Fonte: Elaborado pelos Autores (2021)

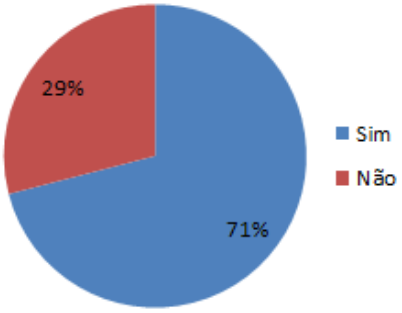
Gráfico 16: Porcentagem da renda investida



Fonte: Elaborado pelos Autores (2021)

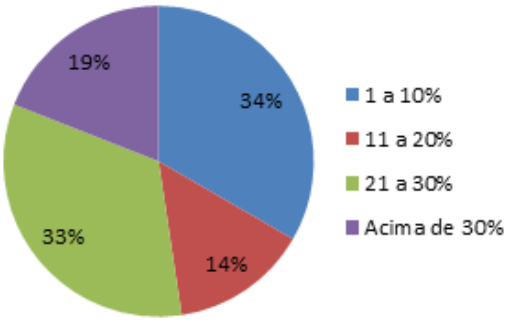
Os Gráficos 17 e 18 apresentam informações sobre o investimento dos discentes:

Gráfico 17: Se o discente investe



Fonte: Elaborado pelos Autores (2021)

Gráfico 18: Porcentagem da renda investida



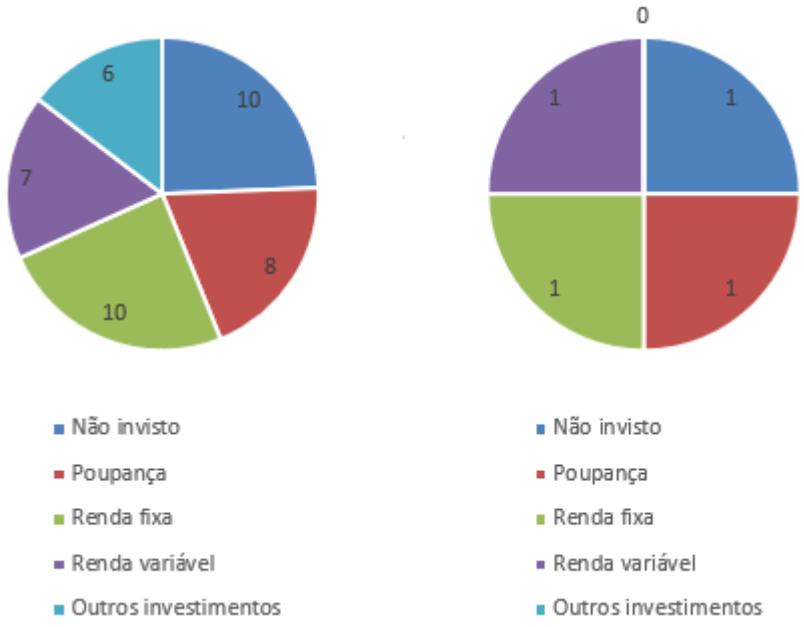
Fonte: Elaborado pelos Autores (2021)

Dessarte, identificamos que os docentes e discentes entrevistados tendem a investir uma porcentagem de seus recursos financeiros. Sendo que os discentes, com uma média salarial inferior aos docentes, costumam investir uma porcentagem maior de seus recursos.

Dando sequência, os Gráficos 19 e 20, apresentam a forma em que os respondentes investem seu dinheiro. Os dados não se encontram em porcentagem, pois havia mais de uma opção de resposta para os respondentes:

Gráfico 19: Onde os discentes alocam seus recursos

Gráfico 20: Onde os docentes alocam seus recursos



Fonte: Elaborado pelos Autores (2021)

Fonte: Elaborado pelos Autores (2021)

Analisando os gráficos acima, inferimos que uma pequena parte dos alunos não conhece ou não possui recurso investido. Em relação aos professores, notamos que apenas um não investe e os outros alocam de formas distintas. A renda fixa e a renda variável, obtiveram bastante adesão, sendo que esses tipos de investimentos demandam um maior conhecimento financeiro.

5. CONCLUSÕES E PROPOSTAS

O presente trabalho teve por objetivo levantar o perfil financeiro de alunos e professores dos cursos de Administração e Ciências Contábeis em uma Instituição de Ensino Superior do interior mineiro.

No que diz respeito ao consumismo, os resultados indicam que professores e alunos da Instituição de Ensino Superior analisada possuem uma pequena parcela de perfil consumista. Sendo que, metade dos professores e alunos têm o costume de encerrar o mês no vermelho, englobando assim, a grande parte da população, que gasta mais do que sua renda permite.

Sabemos que o planejamento financeiro e suas ferramentas se mostram essenciais para a sociedade como um todo. Pois um indivíduo com um bom orçamento, ou seja, controle das receitas e despesas, e com sua reserva de emergência completa, tende a possuir um futuro mais estável e equilibrado. Neste contexto, grande parte dos discentes e docentes da Instituição de Ensino Superior analisada indicaram estar com o planejamento financeiro adequado.

Quanto ao perfil de investidor, de acordo com o risco aceitável pelo indivíduo, é

possível elencar três tipos de perfis, conservador, moderado ou arrojado. Sendo que, os alunos em sua maioria acreditam possuir um perfil com maior aceitação ao risco, ao compararmos com os resultados apresentados pelos professores, que detém um perfil mais conservador. Os alunos tendem a dispor uma maior demanda em investimentos de renda fixa e renda variável, já os professores preferem investimentos de renda fixa que possui menores riscos.

Diante dos resultados expostos e através do contato com cursos ou matérias de finanças pessoais, além da adequada aplicabilidade de seus recursos, observamos um elevado nível de educação financeira dos alunos e professores da Instituição de Ensino Superior estudada. Por isso, comprovou-se que os respondentes possuem melhores decisões financeiras e isso tende a proporcionar uma vida mais prazerosa e equilibrada.

Para dar continuidade a este estudo, sugere-se a realização da pesquisa para os demais cursos da Instituição de Ensino Superior, buscando-se assim identificar o perfil financeiro dos discentes e docentes de toda a instituição, permitindo também a realização de comparação dos perfis de acordo com a área de cada curso.

REFERÊNCIAS

ANBIMA. Como os indicadores econômicos têm reagido à pandemia de Covid-19?. Disponível em: < Como os indicadores econômicos têm reagido à pandemia de Covid-19? – ANBIMA>. Acesso em 11/2021.

BANCO DO BRASIL. Análise de perfil do investidor. Disponível em: <Análise de Perfil do Investidor - Você | Banco do Brasil (bb.com.br) >. Acesso em 11/2021.

BEAL, Diana; DELPACHITRA, Sarath. Financial literacy among Australian university students. **Economic Papers: A journal of applied economics and policy**, v. 22, n. 1, p. 65-78, 2003.

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL. Perfil do investidor. Disponível em:< Início (caixa.gov.br)>. Acesso em 11/2021.

CAMPBELL, J. Y. Household Finance. The Journal of Finance, v. LXI, n. 4, August 2006.

CERBASI, Gustavo P, **Casais inteligentes enriquecem juntos:** finanças para casais, 37. ed. São Paulo: Editora Gente, 2004.

_____. O que é planejamento financeiro. 2013.

_____. Dinheiro, o segredo de quem tem: Como conquistar e manter sua independência financeira. **São Paulo: Gente**, 2005.

CHEROBIM, A. P. M. S.; ESPEJO, M. M. dos S. B. (Org.) Finanças Pessoais: Conhecer para enriquecer. São Paulo: Atlas, 2010.

CRIDDLE, E. Financial literacy: goals and values, not just numbers. **Alliance34-40**, 2006.

DA SILVA MOTA, Janine. Utilização do Google Forms na pesquisa acadêmica. **Humanidades & Inovação**, v. 6, n. 12, p. 371-373, 2019.

DE OLIVEIRA, Maxwell Ferreira. Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisas em Administração. **Universidade Federal de Goiás. Catalão–GO**, 2011.

DE SOUSA, Caio Láutini Oliveira; JÚNIOR, Paulo Francisco Monteiro Galvão. O IMPACTO DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA NOS ORÇAMENTOS PESSOAIS E PARA OS INVESTIDORES NO BRASIL. **Revista Campo do Saber**, v. 6, n. 2, 2021.

FRANKENBERG, Louis. **Seu futuro financeiro: você é o maior responsável**. Gulf Professional Publishing, 1999.

FEINBERG, Richard A. Credit cards as spending facilitating stimuli: A conditioning interpretation. **Journal of consumer research**, v. 13, n. 3, p. 348-356, 1986.

FERREIRA, Hugo Chaves B.; LIMA, João Policarpo R. A insustentável leveza do ter: crédito e consumismo no Brasil. **Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política**, 2014.

FILHO, José Segundo. Finanças Pessoais – Invista no seu Futuro. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2003.

GIL, Antonio Carlos. Como classificar as pesquisas. **Como elaborar projetos de pesquisa**, v. 4, p. 44-45, 2002.

GITMAN, L. J; MADURA, J. Administração financeira. Uma abordagem gerencial. São Paulo: Pearson, 2003.

HALLES, Claudia Regina; SOKOLOWSKI, Rivelto; HILGEMBERG, Emerson M. O planejamento financeiro como instrumento de qualidade de vida. 2007. **Acesso em**, v. 15, 2020.

HUSTON, Sandra J. Measuring financial literacy. **Journal of consumer affairs**, v. 44, n. 2, p. 296-316, 2010.

JONES, Robert A. et al. The politics and economics of the European Union. **Books**, 2001.

LIMA, Iran Siqueira; NEUBAUER, Ingrid; GALARDI, Ney. **Mercados de investimentos financeiros: manual para certificação profissional ANBID, série 20 (CPA-20)**. Atlas, 2006.

LIZOTE, S. A.; SIMAS, J. de; LANAS, J. Finanças Pessoais: um Estudo Envolvendo os Alunos de Ciências Contábeis de uma Instituição de Ensino Superior de Santa Catarina. In: Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia. Anais do IX SEGeT 2012. Resende, 2012.

LUQUET, Mara; ASSEF, Andrea. Você tem mais dinheiro do que imagina: um guia para suas finanças pessoais. **São Paulo: Saraiva**, 2006.

LUSARDI, A.; MITCHELL, O. S. Financial literacy and retirement preparedness: evidence and implications for Financial Education Programs. Pension Research Council Working

Paper. Jan. 2007.

MACEDO JUNIOR, Jurandir Sell. A Árvore do Dinheiro: Guia para Cultivar a sua Independência Financeira. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

MESSIAS, José Flávio; DA SILVA, José Ultemar; SILVA, Pedro Henrique Calderoni. Marketing, Crédito & Consumismo: Impactos sobre o endividamento precoce dos jovens Brasileiros. **Revista Eniac Pesquisa**, v. 4, n. 1, p. 43-59, 2015.

MORAIS, Aline Fernanda Vianna de et al. Orçamento Pessoal: um estudo das práticas adotadas pelos discentes da UFCG Campus–Sousa. 2013.

NICHTER, Simeon; GOLDMARK, Lara; FIORI, Anita. Entendendo as microfinanças no contexto brasileiro. 2002.

POLIDORIO, Gilson Rodrigo Silvério et al. INVESTIMENTOS EM RENDA FIXA E RENDA VARIÁVEL. **ETIC-ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA-ISSN 21-76-8498**, v. 14, n. 14, 2018.

RAMBO, Andrea Carneiro et al. O PERFIL DO INVESTIDOR E MELHORES INVESTIMENTOS: da teoria à prática do mercado brasileiro. 2014.

ROSS, S.; WESTERFIELD, R.; JAFFE, J. F. Administração financeira. São Paulo: Atlas, 1995.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A globalização e as ciências sociais**. Cortez, 2011.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma revoluçô democrática da justiça. 2014.

SEBBEN, Alexandre. Mercado financeiro: produtos mais oferecidos no mercado de renda fixa e variável como referência para composição da carteira de investimentos segundo o perfil dos investidores. 2017.

SERASA EXPERIAN 2018. Conheça as 7 principais causas de inadimplência no Brasil hoje. Disponível em: <Conheça as 7 principais causas de inadimplência no Brasil hoje - Serasa Experian>. Acesso em 11/2021.

SOUZA, Laís Gabriele Lima et al. ANALISE DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA EM FAMÍLIAS RESIDENTES EM JACIARA-MT. DOSSIÊ DO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO DA FACULDAD EDUVALE/JACIARA–MT/2020, v. 1806, p. 108, 2020.

TOMMASI, Alessandro. LIMA, Fernanda de. **Viva melhor sabendo administrar suas finanças. São Paulo: Saraiva**, 2007.

VELUDO-DE-OLIVEIRA, Tânia Modesto; IKEDA, Ana Akemi; SANTOS, Rubens da Costa. Compra compulsiva e a influência do cartão de crédito. **Revista de administração de empresas**, v. 44, n. 3, p. 89-99, 2004.

XPI. Descubra melhor mix para seu perfil investidor. Disponível em: < Conheça os perfis de investimentos recomendados - XP Investimentos>. Acesso em 11/2021.